

RELATÓRIO FINAL (SFRH/BGCT/135016/2017)

15 de Dezembro de 2017

Diogo Duarte

A primeira vaga da cultura Straight Edge em Portugal

Abstract: O Straight Edge, uma cultura ligada ao Punk-Hardcore que negava o consumo de tabaco, álcool e drogas, chegou a Portugal nos anos 90. Pela sua dimensão internacional e pela informalidade das suas redes de sociabilidade, encontrou na Internet um dos meios de divulgação das suas ideias e atividades. Com este estudo, pretendeu-se iniciar o estudo das expressões desta cultura, nomeadamente no período da sua emergência em Portugal, tendo como base os websites preservados pelo Arquivo.pt.

Introdução

O estudo das culturas populares é relativamente marginal na academia portuguesa. Quando as diferentes expressões da cultura popular são elas próprias “marginais”, por não constituírem um fenómeno de massas ou por terem um carácter “alternativo”, a atenção que lhes é dispensada tende a ser ainda menor. Remetidos para uma “baixa cultura”, longe das esferas culturais institucionalizadas ou oficiais, por vezes deslocados dos grandes centros urbanos, entende-se não serem merecedores de análise ou vêem-se subordinados por fenómenos a que se atribui maior importância.

O objeto deste estudo corresponde a uma dessas culturas populares. O Straight Edge, desde o seu aparecimento em Portugal, no início dos anos 90, na “cena” Punk-Hardcore¹, moveu alguns milhares de pessoas um pouco por todo o país, em particular nos subúrbios da área metropolitana de Lisboa. O impacto imediato e subsequente que teve numa grande

¹ Ao longo do texto, referirei conjuntamente o “Punk” e “Hardcore”, termos por vezes usados como sinónimos, especialmente nos Estados Unidos. Por vezes, referir-me-ei ao “Punk-Hardcore” como “cena”, termo geralmente usado pelos seus agentes para se referirem a este como um todo, ou seja, enquanto campo que reúne o conjunto das suas práticas e formas de sociabilidade. Quanto a “Punk” e “Hardcore”, se no período em que o Straight Edge surgiu não havia qualquer separação entre ambos, e se é possível afirmar que o Hardcore é uma subcultura do Punk, nos anos que se seguiram estes constituíram, em alguns casos, “cenas” relativamente distintas. Importa, por isso, clarificar ambos os termos. Por Punk entende-se a cultura *anti-establishment* surgida em meados dos anos 70, associada ao estilo musical conhecido pelo mesmo nome, caracterizado pela agressividade e minimalismo na música e por uma estética visual provocadora e extravagante. Por Hardcore designa-se frequentemente o estilo surgido nos Estados Unidos, em parte como resposta ao que se entendia ser a gradual aceitação e apropriação do Punk pela cultura *mainstream*, em especial com a emergência de estilos como a *New Wave*. Inicialmente, o som do Hardcore caracterizou-se por ser tocado de forma mais rápida e crua, com vozes ainda mais berradas, assumindo por vezes uma maior agressividade. O seu visual era contudo mais simples e discreto.

parte daqueles que com ele contactaram é indicador da sua importância. Mas igualmente assinalável é o impulso que deu a certos temas e causas que emergem na década de 90, em Portugal, e que desde então ganharam visibilidade na sociedade portuguesa: a ecologia, os direitos dos animais e o vegetarianismo/veganismo, o anti-consumismo, o movimento okupa ou, ainda, práticas religiosas e espirituais. Em alguns casos, a influência da cultura Straight Edge foi residual, noutros foi mais direta, como na questão dos direitos dos animais. Mas a sua ligação com as transformações culturais, sociais e políticas verificadas na década de 90 em Portugal é inequívoca. Inequívoca é, também, a influência que teve individualmente, mesmo para aqueles a quem correspondeu “apenas” a uma fase das suas vidas. Em muitas das pessoas a que chegou, permanecem algumas marcas, hábitos e ideias desse contacto anterior. A isso não é estranho o facto de o Straight Edge assentar numa filosofia que promove uma alteração dos comportamentos individuais que não se cinge aos espaços da sua comunidade, mas que se estende ao dia-a-dia e interfere com o contexto familiar, escolar ou laboral. Por estas diferentes razões a sua expressão dificilmente pode ser considerada secundária.

Como é frequente nas ciências sociais, por trás do interesse pelo objeto de investigação há uma motivação biográfica. A minha relação com o Straight Edge começou por volta de 2000, tinha eu 15 anos. Um amigo Straight Edge sugeriu-me assistir a um concerto que ia acontecer na zona onde eu morava e, já vagamente familiarizado com algumas dessas “ideias”, decidi fazê-lo. Não sabia o impacto que a experiência iria ter em mim. Tocaram Shuffled, Time-X e New Winds, estas últimas duas das bandas mais importantes da história do Straight Edge em Portugal. A energia e o espírito positivo que preenchia a sala contagiou-me imediatamente, apesar do som caótico e ruidoso que saía das colunas e da forma negligente como os instrumentos eram tratados. Para além da informação que estava disponível em fanzines² e panfletos, sobre libertação animal e outras causas políticas, as bandas falavam entre as músicas sobre as letras ou sobre causas que apoiavam, sem qualquer pretensiosismo. Mas o mais marcante foi a forma como a fronteira entre palco e assistência se diluía, desafiando a ideia de “espetáculo” a que estava habituado. O público invadia o palco para cantar as letras ou para fazer *stage dive* e os membros das bandas “mergulhavam” igualmente na assistência, criando um ambiente de igualdade e de comunhão que nunca tinha sentido.

² Os fanzines, um dos principais meios de divulgação e partilha de ideia no meio Punk-Hardcore, consistiam em publicações impressas, organizadas e distribuídas pelos próprios autores, sendo estes geralmente seguidores do estilo musical ou das culturas em causa. Contínham textos, entrevistas, imagens, receitas, resenhas a livros e álbuns, entre outros conteúdos, e era geralmente policopiada, escrita à mão ou composta através do processo de corta e cola.

Quando o concerto terminou, reforçou-se a sensação de deslocamento que sentia quando era impelido a participar nas atividades comuns da adolescência em que se iniciavam os meus amigos, como consumir álcool, drogas ou tabaco. Sem conhecer praticamente ninguém, distante dos locais onde os concertos de Hardcore aconteciam com regularidade e sem liberdade para me deslocar, foi pela Internet que comecei a explorar o Straight Edge, as causas que mobilizava e as principais bandas da “cena”. Foi, também, pela Internet que conheci as primeiras pessoas da “cena” e que comecei a falar com os membros de algumas bandas. Rapidamente a experiência de ir a um concerto de Hardcore deixou de ser uma mera atividade de observação solitária e em pouco tempo senti-me parte daquela massa em comunhão.

Em 2005, comecei a frequentar cada vez menos concertos e a participar menos nas atividades que rodeavam a “cena”. Esta tinha mudado, tinha-se tornado menos apelativa para os meus interesses, tinha deixado de ser o local de partilha de informação que me tinha atraído e tinha-se tornado mais violenta. A “cena” que encontrei nos anos anteriores, e que tinha ganho força nos últimos anos da década de 90, começou subitamente a desaparecer. Com os anos, a possibilidade de contar a história dessa experiência e de estudar algumas das suas características mediado pelas ciências sociais, tinha-se tornado quase impossível, especialmente pela ausência de fontes. Um passado recente, marcante para tanta gente, tinha-se tornado invisível quase da noite para o dia.

Culturas populares, fontes e internet

Um dos problemas com o estudo das culturas populares está na escassez de fontes disponíveis para o fazer, o que se agrava com a distância no tempo dos sujeitos estudados. Ilustradas durante séculos, sem acesso aos meios da cultura institucionalizada, as culturas populares raramente deixaram registos em primeira mão. A sua presença nos arquivos encontra-se geralmente em documentos oficiais ou nas descrições realizadas pelas estruturas de poder institucional, sujeita portanto ao viés de um olhar muitas vezes distante, motivado por fins específicos de governação e por uma relação pautada pelo conflito. Por outras palavras, as culturas populares foram frequentemente condenadas à invisibilidade, ao anonimato ou, quando abordadas, à “condescendência da posterioridade”, segundo as famosas palavras do historiador E. P. Thompson (1966: 12).

O Straight Edge é uma cultura popular contemporânea, associada maioritariamente a jovens urbanos, letrados e de classe média. A história oral ou a análise com recurso a

entrevistas continua a ser possível, assim como permanece relativamente acessível muita da informação que produziram e que circulou entre os seus aderentes. É, contudo, uma cultura “underground” e informal, desprovida de estruturas associativas ou organizativas, sem relação institucional com o poder político e afastada do olhar mediático. Tal como o Punk, baseia-se fortemente na ética *Do It Yourself*. Os principais espaços de sociabilidade, no período estudado, eram os concertos de Punk-Hardcore e as ideias circulavam através de panfletos, *newsletters*, fanzines, palestras ou nas letras e textos partilhados nos livretes das gravações das principais bandas. Não há por isso fontes “oficiais” e a informação disponível é dispersa e fragmentada, “perdida” nas coleções individuais dos seus protagonistas.

Mais tarde, em particular na fase de maior crescimento e atividade do Straight Edge em Portugal, a Internet passou a ser também um espaço de divulgação, partilha de ideias e de contacto entre os membros da comunidade³. Contudo, a presença *online* é ainda mais efémera do que os suportes materiais e era-o ainda mais aquando do início da massificação da Internet, com o curto período de existência que a maioria dos sites tiveram. Muitos *websites* de bandas ou de divulgação desapareceram para sempre e com eles muita da informação disponibilizada *online*, condicionando seriamente o estudo da “cena” entre o final dos anos noventa e os primeiros anos da década seguinte.

Esta expansão do espaço físico para o espaço virtual abre novas possibilidades para o investigador, mas também levanta novas questões. Os métodos de pesquisa tradicionais nem sempre são adequados para o estudo de culturas *online*, fruto da natureza da informação, quer no que respeita à sua preservação, quer à própria forma como esta é filtrada, tornada acessível e pesquisável. Para o estudo das culturas populares, abriu, contudo, possibilidades antes inexistentes, nomeadamente por tornar acessíveis fontes produzidas pelos próprios agentes, relatando as suas experiências, interesses e atividades sem a necessidade de aceder à informação filtrada por quaisquer intermediários extrínsecos. O acesso e utilização massivos da internet e o facto de oferecer uma plataforma de comunicação e partilha a qualquer utilizador mudou a natureza da comunicação e fez

³ Os fanzines passaram, também, em alguns casos, a adotar o formato digital. Existem alguns exemplos preservados pelo Arquivo.pt: um deles em versão PDF, o fanzine *San Bao*, publicado no Outono de 2000 (http://arquivo.pt/wayback/20030428205548/http://planeta.clix.pt/veganedge/zines/san_bao.pdf), e o *Poser Zine*, editada em Abril de 2000, em Faro (<http://arquivo.pt/wayback/20021215035625/http://planeta.clix.pt/poserzine/index.htm>). Para navegar pelos conteúdos do fanzine, sugere-se seguir a numeração na barra do lado esquerdo do site. Infelizmente, muitos desses conteúdos estão indisponíveis. O ano de arquivamento mais completo é o de 2001).

crescer a visibilidade de muitas culturas e ideias que de outra forma estariam absolutamente confinadas a nichos restritos e fechados.

Nada disto é relevante, contudo, sem se reconhecer, primeiro, a necessidade de preservar esses conteúdos e de os tornar acessíveis. Uma grande percentagem do que surge na internet continua a ter uma vida curta e a desaparecer do domínio público rapidamente, o que é preocupante. Especialmente para os investigadores, se considerarmos que, durante as últimas duas décadas, a Internet se assumiu como uma das principais formas de comunicação, sociabilidade e informação. Por tudo isto, esta pesquisa só se revelou uma possibilidade com um dos resultados práticos da consciencialização para a necessidade de arquivar os conteúdos “imateriais” que têm ou tiveram existência *online*. O Arquivo.pt recolhe e preserva milhões de ficheiros arquivados da web desde 1996 e disponibiliza-os online através de um motor de pesquisa, permitindo, dessa forma, pesquisar o passado da web portuguesa.⁴ Tal como acontecia com os outros arquivos, a indiferença ou ignorância perante a necessidade da preservação dos conteúdos “virtuais” levava ao apagamento de manifestações da cultura popular, o que tornava estéril a referida nova possibilidade de lhes aceder diretamente. O Arquivo.pt permite aceder a uma grande parte dos *websites*, entretanto desaparecidos, criados pelos intervenientes na cultura Straight Edge. Apesar da sua importância e da intensidade que atingiu num curto espaço de tempo, o Straight Edge nunca encontrou expressão na “esfera pública” e, como tal, sem a recuperação e disponibilização destes conteúdos, o seu estudo ficaria incompleto ou seria mesmo inviável. É a utilidade dessas fontes, conjugadas com outras (em particular, os fanzines⁵), que pretendo demonstrar com este estudo, sem a pretensão de oferecer um retrato objetivo de uma cultura sempre em mutação, com muitas pessoas, ideias e interesses diferentes.

As origens do Straight-Edge

Desde as suas origens, em meados da década de 70, que o Punk-Hardcore ficou conotado com comportamentos autodestrutivos, como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e de drogas. Para muitos, a atitude inconformista e socialmente desafiante que o estilo pretendia promover confundia-se com um certo niilismo inconsequente, confusão a que

⁴ Para saber mais: <http://sobre.arquivo.pt/pt/>

⁵ Infelizmente, em Portugal, não é possível encontrar qualquer coleção organizada de fanzines em arquivos públicos. Os fanzines usados nesta pesquisa foram, em alguns casos, comprados ou fotocopiados por mim, e, noutros casos, emprestados ou cedidos por alguns dos indivíduos que integram ou integraram a “cena” Punk-Hardcore e/ou Straight Edge em Portugal.

não era alheio algum sensacionalismo mediático. Em resposta, algumas vozes dissonantes procuraram afirmar, desde cedo, uma atitude diferente que, mais do que sacrificar, pretendia recuperar a rebeldia do Punk-Hardcore. Como cultura predominantemente juvenil, o Punk-Hardcore reproduzia algumas das formas de sociabilidade dominantes entre os jovens, nomeadamente a pressão para o consumo de álcool ou drogas como forma de integração. Por outro lado, nos Estados Unidos, como consequência das restritas leis relativas ao consumo de álcool por menores de 21 anos, o acesso aos concertos era vedado a muitos jovens. Em suma, um espaço que se pretendia inclusivo, revelava-se dessa forma inacessível e excludente, e, contrariamente ao que aparentava, não oferecia uma alternativa ao quotidiano de muitos jovens, nem tão pouco providenciava novas formas de expressão e de relacionamento social.

O Straight Edge foi a resposta a essa tendência que mais perdurou e que maior influência teve, adquirindo uma certa autonomia enquanto identidade e enquanto forma positiva de viver o Punk nos anos que se seguiram. A cultura Straight Edge nasce no início dos anos 80, em Washington D.C., Estados Unidos da América, pela voz de Ian MacKaye e da sua banda de então, Minor Threat, uma das bandas mais emblemáticas da história do Punk-Hardcore. Na música "Straight Edge", Ian Mackaye berrava, em 46 segundos, a sua antipatia por uma série de comportamentos que predominavam na "cena" afirmando ter "melhores coisas para fazer". No refrão, a repetição da afirmação "I've got the Straight Edge" definia a atitude e sugeria o nome que consagraria essa corrente emergente. Em "Out of Step", MacKaye enunciava com maior detalhe os princípios do que viria a ser o movimento Straight Edge de não fumar, não beber e não ter sexo promíscuo⁶, concluindo com um "mas pelo menos consigo pensar!". As letras, contudo, exprimiam uma postura individual e não tinham a pretensão de enumerar um conjunto de regras, como o próprio esclarece em "Out of Step", ou sequer de criar um movimento. Na verdade, Ian MacKaye, em conformidade com o individualismo que o caracterizava, sempre contestou o Straight Edge como um movimento ou uma identidade e manteve-se sempre afastado do mesmo.

⁶ Além do não consumo de bebidas alcoólicas, não fumar e não tomar drogas, os comportamentos que definem o Straight Edge e o que se entende por uma vida "livre de drogas" podem variar consoante os contextos e as interpretações de cada um. Para alguns Straight Edge, a cafeína, enquanto substância que causa dependência, deve ser incluída no rol de produtos a não consumir; para outros o vegetarianismo/veganismo é parte inseparável do estilo de vida; para outros, ainda, este é vivido de forma mais flexível. Em casos mais extremos, o Straight Edge, por vezes conjugado com outras ideias de caráter religioso, foi elevado a um dogma e abraçou uma ideia de pureza que o empurrou para terrenos mais conservadores, muitas vezes com resultados violentos (dando origem a gangs). Nesses casos, o "I don't fuck", presente na "Out of Step" dos Minor Threat, foi interpretado como uma oposição ao sexo pré-marital e não como uma crítica às consequências potencialmente negativas e sexistas presentes no sexo casual. Algumas dessas tendências assumiram igualmente posições "pró-vida", antiaborto e homofóbicas. A tendência derivada do Straight Edge mais conhecida por estas posições, e que viria a reclamar autonomia deste, foi o Hardline.

O impacto na “cena” Punk-Hardcore foi imediato, gerando tanto reações negativas como atração pela posição que se queria marcar. O número de pessoas que se autodenominava Straight Edge começou a crescer rapidamente, atraindo quer aqueles que se tinham desiludido com a alternativa que o Punk-Hardcore oferecia a um mundo em que se sentiam deslocados, quer indivíduos que nele encontraram uma forma diferente e mais positiva de viver a cultura Punk, sem a necessidade de incorrer em muitos dos excessos que lhe eram associados. Em pouco tempo, o Straight Edge deixava de ser apenas uma necessária tomada de posição e passava a oferecer quer uma nova linguagem de rebelião, quer uma comunidade de pertença em que muitos sentiam poder fazer a diferença. A sua identidade começou a ser afirmada com crescente visibilidade, através de um conjunto de símbolos que representavam a opção por um estilo de vida livre de drogas. Um desses símbolos foi o X, pintado nas costas das mãos com um marcador preto, primeiramente usado em bares para contornar as restrições ao consumo álcool existentes nos Estados Unidos, identificando dessa forma os menores de 21 anos de idade. Se antes essa marcação era, para muitos jovens, um símbolo de vergonha ou estigmatizante, alguns Straight Edge, muitas vezes com mais do que 21 anos, começaram a pintá-lo voluntariamente, quer para expressar orgulho pela opção de se manterem livres de drogas, quer como forma de protestar contra a exclusão a que eram votados muitos menores de idade em bares ou clubes onde decorriam concertos de Punk-Hardcore, procurando torná-lo o meio inclusivo que pretendia ser.

Com tempo, e contra a pretensão inicial de Ian MacKaye, o Straight Edge começa a espalhar-se pelo país e a ser visto como um movimento. Alguns dos seus proponentes adotam uma postura mais militante, por vezes confrontacional, consequência, também, do surgimento de contramovimentos anti-Straight Edge⁷.

Para sintetizar, as histórias do Straight Edge, em particular nos Estados Unidos, costumam dividi-lo em diferentes fases. Gabriel Kuhn identifica quatro: a primeira, situada entre 1980 e 1983, correspondente à sua emergência e à “cena” de Washington D.C. descrita atrás, marcada, como vimos, por uma atitude mais individualista e por representar mais uma expressão do Punk do que um movimento *per se*; a segunda fase, em que surge a primeira vaga de bandas autodenominadas Straight Edge, entre 1984 e 1990, que ficou conhecida como a vaga “youth crew”, com as letras a incidirem mais sobre a abstinência e sobre o Straight Edge como estilo de vida, em particular em Nova Iorque; uma terceira fase,

⁷ Numa entrevista, MacKaye refere mesmo ter começado a perceber que o Straight Edge era um movimento pela existência de um contramovimento Straight Edge (*cf.* Kuhn, 2010: 37)

conhecida como “nova escola”, especialmente ativa na década de 90, com um som mais pesado e influenciado pelo Metal, profundamente marcado pela centralidade concedida aos direitos dos animais e à ecologia, também por isso identificada como movimento Vegan Straight Edge e que viria a dar origem à vaga Hardline, já referida atrás; finalmente, uma quarta fase, que vai de 2000 até ao presente, correspondente à fase de consolidação internacional do Straight Edge e mais diversa, a expandir-se para diferentes estilos e correntes, incluindo sonoridades mais Pop, ou emulando os estilos das “vagas” anteriores (cf. Kuhn, 2010: 13).

O Straight Edge assumiu diferentes expressões consoante os contextos e foi, por isso, diferente de país para país, apesar das afinidades naturais com o que acontecia nos Estados Unidos, enquanto ponto de origem e “centro” mais influente. Sem ser possível generalizar, o Straight Edge na Europa, tal como na América do Sul, foi diferente do Straight Edge nos Estados Unidos, assumindo, frequentemente, uma postura muito mais politizada e dando menos relevo às questões identitárias ou de “estilo de vida”⁸. O mesmo se verificou em Portugal, e, por isso, a cronologia atrás apresentada não corresponde à cronologia da história da cultura em Portugal. O seu aparecimento foi mais tardio, a sua existência foi mais concentrada regionalmente e houve uma maior homogeneidade e continuidade no tempo, sem que se verificasse uma grande fragmentação entre diferentes tendências. No geral, tal como aconteceu numa boa parte dos outros países europeus, o Straight Edge em Portugal, no período estudado, foi fortemente politizado, com as letras a caracterizarem-se por uma forte crítica social, visando temas como o racismo, a homofobia, o sexismo, o consumismo e, especialmente, os direitos dos animais.

O Straight Edge em Portugal

Em Portugal, o Straight Edge surge no início dos anos 90, inicialmente sem qualquer expressão coletiva e assumido apenas por alguns indivíduos isolados, ligados ao meio Punk-Hardcore e conhecedores das “tendências” presentes noutros países. Em alguns casos, como é revelado nos depoimentos de alguns dos primeiros Straight Edge em Portugal, não havia contacto entre quem se assumia como tal e desconhecia-se mesmo a

⁸ No álbum “Liberdade Imposta, Liberdade Conquistada” (2002), os Point of no Return, banda da cidade do Rio de Janeiro, publicam um ensaio, “Bending to Stay Straight”, em que assinalam as distinções entre as principais “cenas” estrangeiras e se distanciam das mesmas, destacando o carácter mais politizado do meio Straight Edge de que faziam parte no Brasil e que procuravam promover. O ensaio é publicado em inglês no livro já citado *Sober Living for the Revolution: Hardcore Punk, Straight Edge and Radical Politics*, de Gabriel Kuhn.

existência de outros indivíduos que reclamavam a mesma identidade⁹. Em pouco tempo, contudo, aparecem os primeiros X's pintados nas mãos em concertos de Punk-Hardcore, circulam os primeiros panfletos e fanzines sobre Straight Edge e começa a crescer uma rede.

A banda que mais contribuiu para esse crescimento foi X-Acto, provavelmente a banda mais conhecida e influente da história do Hardcore português. Criada em 1991, começa como banda vegetariana e Straight Edge, mas as mudanças de alinhamento iriam mudar temporariamente a situação, com a entrada de elementos que não eram Straight Edge. Só em 1995 se tornam plenamente uma banda Vegan Straight Edge. As letras versavam sobre temas sociais e políticos, como o racismo, o sexismo ou os direitos dos animais, mas também sobre a amizade e o respeito na “cena” Punk-Hardcore. X-Acto alcança projeção internacional e insere a emergente “cena” portuguesa no panorama global, chegando a realizar tournées no Brasil e pela Europa e a editar um *split*¹⁰ CD com a banda norte-americana Ignite (1996)¹¹.

A partir de 1994, os X-Acto deixam de carregar a “bandeira” sozinhos e surgem os Human Beans, outra banda que adota o vegetarianismo/veganismo e o Straight Edge como parte da sua identidade. Em simultâneo, aumenta o número de fanzines ligadas ao Straight Edge e ao “hardcore positivo” promovido por esta nova vaga (o primeiro fanzine Straight Edge, *Vontade de Ferro*, surge em 1994).

Consolidação e mudanças na “cena” Straight Edge

É, contudo, nos anos de 95 e de 96 que se verifica um crescimento visível e significativo da “cena” Straight Edge. Algumas publicações desses anos assinalam, frequentemente, esse crescimento, sem deixar de alertar para os seus riscos, nomeadamente o de se tornar uma

⁹ Como exemplo, veja-se a entrevista de Pedro Mateus, um dos fundadores daquela que foi provavelmente a banda mais importante do Straight Edge português, os X-Acto, em que relata a primeira vez que conheceu alguém que se assumia Straight Edge: cf. Minuto 11:30 do Episódio n.º 45, do Podcast *Brandos Costumes*: <http://www.brandoscostumes.pt/> (acedido em 23 de Julho de 2017).

¹⁰ O *split* é um tipo de edição frequente no Punk-Hardcore e corresponde a uma edição geralmente partilhada por duas bandas.

¹¹ X-Acto terminaria em 1998, para dar lugar aos Sannyasin, também uma banda de Punk-Hardcore composta por praticamente todos os elementos que compunham os X-Acto no momento em que acabaram. Uma das razões para acabar X-Acto, segundo os seus membros, foi a necessidade de começar de novo, sem a pressão, as expectativas e as consequências que a “popularidade” traziam. Em parte, tal decisão era um desafio à centralidade e à popularidade que a banda carregava na “cena” nacional, fatores que consideravam contraditórios com os valores do Punk-Hardcore, e que redundava muitas vezes na afirmação de que “quando X-Acto acabar, acaba o Hardcore em Portugal”. Para aceder a uma cronologia da história de X-Acto, visitar: <http://arquivo.pt/wayback/20100609145809/http://xacto.do.sapo.pt/historia.htm>

“moda” ou uma inconsequente manifestação de orgulho, desprovida de significado político (vejam-se, como exemplos, o N.º 1 da fanzine *Out of Step*, publicado em Outubro de 1995, e os boletins da S.E.L.F. – Straight Edge Life Frame –, o primeiro publicado, em Dezembro de 1996, e o segundo, publicado em Abril de 1997).

Nesta fase de surgimento e expansão do Straight Edge, este era apresentado como um estilo de vida indissociável do Punk-Hardcore e não como uma “cena” autónoma, distinguindo-se assim o que acontecia em Portugal do que se verificava noutros países, nomeadamente nos Estados Unidos, onde o Straight Edge se distanciava crescentemente do Punk. O Straight Edge era defendido como uma escolha pessoal, reconhecendo-se, contudo, que não fazia sentido para todos nem devia ser imposto de forma normativa, como um conjunto de regras rígidas ou como o único caminho a ser seguido. Nas palavras do autor de um fanzine, *Força Suprema*¹², o Straight Edge devia ser encarado como uma forma de “celebração da individualidade” e não “como um conjunto de regras” ou “como uma disciplina de abstinência”. A forma como era apresentado evocava alguns dos argumentos que motivaram a sua origem, como a crítica à pressão para adotar um estilo de vida lesivo para o indivíduo e para a rebeldia que este procurava e que devia caracterizar o Punk. Mas, o Straight Edge, em Portugal, para além de reclamar mais vincadamente o espírito Punk e colocar a ênfase na emancipação individual, assumia também um maior significado político e social. Para os Straight Edge, segundo os diversos textos e depoimentos encontrados em fanzines, o Straight Edge era somente um meio e não um fim na luta por um mundo melhor, sendo importante não a vida livre de drogas em si mas antes a forma como era aproveitada a liberdade conquistada por essa escolha para ter um impacto positivo na sociedade. Por outras palavras, era dada mais importância à intervenção política do que ao Straight Edge, o que aproximava a “cena” portuguesa de outras “cenas” e bandas europeias, como a holandesa e, em especial, bandas como Lärm, ManLiftingBanner ou a belga Nations on Fire.

Para além da discussão do papel do Straight Edge na “cena” e do seu significado individual e político, os fanzines continham textos que discutiam questões ecológicas (como exemplos, refiram-se textos a denunciar o impacto da Shell, a importância da reciclagem ou até com instruções para construir um recipiente de compostagem), entrevistas a bandas, *reviews* a concertos e a CD’s ou LP’s, textos de carácter pessoal sobre o quotidiano ou sobre experiências vividas, traduções de textos (por vezes de conteúdo político informativo ou de

¹² *Força Suprema*, n.º 1 Outubro de 1997, Almada

carácter espiritual), textos sobre feminismo, relatos de “cenas” internacionais, com informação sobre grupos Straight Edge com filosofias específicas (por exemplo, o Straight Edge comunista, o Straight Edge anarquista, o Queer Edge ou Dark Edge, este com influências satânicas) ou discussões sobre a “cena” Punk-Hardcore portuguesa, frequentemente com críticas à violência nos concertos e com apelos ao respeito mútuo entre as diversas tendências que coexistiam no meio.

Ainda neste período, há a destacar a criação da S.E.L.F. (Straight Edge Life Frame) em Portugal, um coletivo, existente em vários países, que visava promover o estilo de vida Straight Edge no meio Punk-Hardcore e interligar as “cenas” existentes nos diferentes países. As atividades organizadas pela S.E.L.F. em Portugal e a forma como esta encarava a sua “missão” são representativas da forma como os indivíduos Straight Edge sustentavam a sua escolha em meados dos anos 90 e de como eram entendidos o sentido e importância que possuíam no meio em que se inseriam.

Na sua primeira *newsletter*, a S.E.L.F. destaca a importância política ainda que pessoal do Straight Edge, afirmando que “as mudanças têm de começar bem dentro de nós” e que “a intoxicação não é nem nunca será rebelião”. Nos diferentes números dos seus boletins, publicados desde Dezembro de 1996, a direção é a mesma, afirmando o Straight Edge apenas como uma parte do Hardcore, entre outras, e que a divulgação das “opções de vida positivas e saudáveis” que adotaram não é feita com o propósito de gerar mais divisões na “cena”, nem partem do pressuposto que essa seja “a melhor maneira de viver” ou que ser Straight Edge signifique ser melhor do que os outros. A ênfase recai sempre na sugestão da escolha do próprio caminho por cada um e na capacidade de pensar por si próprio.

Para além dos textos que explicitavam as pretensões da S.E.L.F., os boletins traziam entrevistas com bandas e notícias sobre a “cena” e novos lançamentos ou eventos (não apenas referentes a bandas Straight Edge, mas incluindo também outras bandas com um espírito considerado mais positivo). O primeiro concerto organizado por este coletivo, foi representativo das intenções proclamadas, na medida em que não reuniu apenas bandas Straight Edge. No balanço que apresentam do evento no primeiro número do seu boletim, é assinalada a presença de 350 pessoas e o facto de se terem misturado pessoas “que não se costumam misturar”, sem *mosh* violento, e, ainda, o carácter horizontal da sua organização e a presença de comida vegan e bancas com informação sobre causas sociais e políticas e os direitos dos animais.

No final dos anos 90, um período em que o Straight Edge já possuía dinâmicas distintas e crescentemente autónomas do mais amplo e plural meio Punk-Hardcore, vemos surgir outro coletivo: o Caminho de Ferro. A referência ao Caminho de Ferro revela-se importante por contraste com a S.E.L.F. ao ilustrar as consequências e transformações que o Straight Edge registou com o crescimento verificado nesses anos. Se a S.E.L.F. visava promover e consolidar uma “cena” Straight Edge no meio Punk-Hardcore, sem reclamar uma autonomia deste, o coletivo Caminho de Ferro adotava uma atitude mais militante e um discurso mais dirigido ao seu próprio “meio”. Os Straight Edge são praticamente os únicos alvos das suas críticas, ainda que paradoxalmente critiquem a “cena” por estar demasiado fechada em si própria. Se num texto de apresentação, partilhado *online*, se definiam como “o primeiro e único verdadeiro coletivo Hardline português”¹³, distinguindo-se dos Straight Edge com a acusação de que estes eram “fracos demais para pensar por eles próprios e tomarem acção pelas próprias mãos”¹⁴, numa entrevista publicada no número dois do fanzine *Gunnm*, em que relativizam o tom mais violento adotado nos textos de divulgação, afirmam que o “Hardline é apenas mais uma etiqueta para catalogar as pessoas em rebanhos”¹⁵ e fica claro que o seu propósito era provocar a “cena” Straight Edge sem se excluírem desta, visando, em especial, o facto de estar a tornar-se numa “moda” comercializável e sem substância¹⁶. Na mesma entrevista, consideram-se “um colectivo formado por pessoas descontentes com o estado actual das coisas na dita cena, e não só, que não têm receio de causar ondas porque estão completamente a cagar-se para a hierarquia que existe dentro da cena, onde todos deveriam ter o mesmo peso mas onde isso nem sempre é verdade.” Apesar de as suas declarações possuírem muitas vezes um fundo de ironia que parecia ter a intenção de provocar polémica, marcado por ameaças e por uma linguagem violenta, estas não eram nem pretendiam ser totalmente inofensivas, antecipando uma atitude mais arrogante que viria a ganhar espaço entre os Straight Edge¹⁷.

¹³ Ver a nota 4.

¹⁴ Ver em: <http://arquivo.pt/wayback/20010521194302/http://paginas.teleweb.pt/~benito/>

¹⁵ Sublinhe-se a sua posição a favor da despenalização do aborto, em absoluto contraste com a assumida pelos Hardline, militantemente pro-life. Na referida entrevista, quando questionados sobre essa matéria, os membros do Caminho de Ferro assumem-se como pró-escolha, invocando as desigualdades de género e de classe para sustentar a sua opinião.

¹⁶ O conteúdo da entrevista foi acedido *online*, por impossibilidade de encontrar um exemplar da versão impressa. Podem encontra-la no seguinte website preservado pelo Arquivo.pt:

<http://arquivo.pt/wayback/20010508210043/http://paginas.teleweb.pt/~benito/XentrevistaX.htm>

¹⁷ Entre algum do merchandise com frases ou simbologia relativas ao Straight Edge, nomeadamente t-shirts e estampas, era possível encontrar frases como “Straight Edge means I’m better than you”.

Time-X, banda surgida no final dos anos 90 e uma das mais importantes e internacionais das bandas portuguesas, foi alvo de críticas frequentes pelo teor das suas letras¹⁸. Ainda que mais politizadas do que as bandas youth crew “tradicionais” (“corrente” em que se inseriam – ver página 7 deste relatório e a *newsletter* da banda *Just Go!*, s/d, em que no cabeçalho se apresentam como “Pro-Animal, Gay Positive, Religion Free), as letras falavam de Straight Edge de uma forma que para muitas pessoas era considerada arrogante e intolerante, acusação de que se defendiam, apesar de assumirem a importância de falar sobre o tema e de incentivá-lo como algo mais do que uma escolha pessoal (como exemplo, na referida *newsletter*, negam ser arrogantes ou intolerantes mas afirmam gostar de “falar de Straight Edge com orgulho”). Menos radicais no conteúdo político das suas letras, e ainda mais focados no tema Straight Edge em si, criticando aqueles que deixavam de o ser ou manifestando apenas o orgulho em assumir uma vida livre de drogas, “mais pura” ou por pertencer à “cena”, há também a referir, como exemplos, as bandas Fight for Change¹⁹ e Growing Straight.

Este crescimento do Straight Edge foi acompanhado por um uso cada vez mais frequente da internet por parte dos seus seguidores, primeiro através do recurso ao e-mail e depois com o aparecimento de *websites* de bandas ou dedicados à divulgação das ideias e dos eventos relacionados com o Punk-Hardcore e com o Straight Edge. Como vimos, através do exemplo das bandas referidas ou dos dois coletivos surgidos em momentos diferentes e com propósitos distintos, tal crescimento trouxe inevitavelmente algumas transformações na “cena”, alterando o foco das discussões e das preocupações e até o entendimento do que era ser Straight Edge e do lugar que este ocupava tanto no Punk-Hardcore como na sociedade. A internet permitiu, desde logo, que “cenas” mais periféricas ou pessoas residentes em zonas mais distantes dos grandes centros urbanos pudessem, também, intervir na “cena”, relativizando a influência que os agentes da área metropolitana de Lisboa tinham e o peso desta enquanto “centro” de atividade principal e de circulação da maior parte das bandas e indivíduos. A “cena” Straight Edge de Faro é disso exemplo, não só por ter sido uma das que mais cresceu fora da área metropolitana de Lisboa, inserindo-se rapidamente no mapa em finais dos anos 90, como por ter sido dela que surgiram os

¹⁸ Para ver algumas das letras da banda, focadas quer no consumismo, nos direitos dos animais ou na “cena” Hardcore: http://arquivo.pt/wayback/20011119131014/http://planeta.clix.pt/veganedge/index_pt.htm.

¹⁹ Ver uma letra na página StraightEdge.pt <http://arquivo.pt/wayback/20021121055220/http://planeta.clix.pt/veganedge/musica/sons10.htm> e na página da banda <http://arquivo.pt/wayback/20011216200608/http://pwp.netcabo.pt/0247943101/>.

criadores daquele que foi, provavelmente, o site mais popular e relevante do Straight Edge em Portugal, o StraightEdge.pt²⁰.

Notas finais

Este trabalho, pela curta duração da sua pesquisa, não permite grandes conclusões. Mas permite formular novas questões, nomeadamente quanto ao cruzamento de diversos tipos de fontes e quanto à importância do recurso a fontes digitais, cada vez mais inevitável. Serve, além disso, como um mapeamento preliminar para o estudo de uma cultura suburbana com uma forte presença *online*. O uso de entrevistas e uma análise mais intensiva dos fanzines publicados desde o surgimento e no decorrer da expansão do Straight Edge, permitiria identificar padrões sociológicos entre os agentes que integraram a “cena”, assim como identificar com mais detalhe as principais preocupações dos Straight Edge e as mudanças que estas sofreram com o tempo.

Através da análise da presença *online* ao longo do tempo, pudemos identificar alguns sinais dessa mudança, em parte consequência do crescimento do Straight Edge, mas também da emergência das novas possibilidades de comunicação oferecidas pela internet. Alguns anos mais tarde, com a “cena” mais dividida e a perder força, era comum ler ou ouvir afirmações de que a internet tinha contribuído para a decadência da “cena”, alimentando conflitos e cisões a coberto do anonimato que as *mailing lists* ou os fóruns permitiam. Certo é que a internet tornou possível, também, o surgimento de novos sites, uma maior circulação dos fanzines e facilitou o acesso à informação. Contribuiu, igualmente, para a internacionalização da “cena” portuguesa, com cada vez mais bandas portuguesas a realizar tournées europeias ou com mais bandas estrangeiras a visitarem Portugal com regularidade.

A presença *online* consolidou-se num período em que o Straight Edge mobilizava um número assinalável e relativamente estável de indivíduos, e é por isso que se torna possível acompanhar essas mudanças através dos textos publicados *online*, comparando-os, por exemplo, com aqueles publicados alguns anos antes em fanzines.

²⁰ Este *website* foi uma espécie de portal online do da cultura no país e servia tanto para divulgar eventos (novos lançamentos de bandas ou concertos), como *reviews*, fotos e mp3 de bandas ou, ainda, textos dedicados a diversos assuntos (do Straight Edge, a causas ecológicas, ao aborto ou ideologias políticas). Visitar em http://arquivo.pt/wayback/20011119131014/http://planeta.clix.pt/veganedge/index_pt.htm

Mas a importância do Straight Edge e do seu estudo vai para lá do conhecimento do objeto em si. Perceber o que mobilizava os seus integrantes, o que motivou o crescimento da “cena” e as particularidades da sua evolução, diz-nos muito, também, sobre a sociedade portuguesa dos anos 90, década em que se consolida a relação do país com a Europa e em que a estabilidade democrática e económica se afirma. O estudo das culturas populares, mesmo quando representam fenómenos aparentemente marginais, oferece perspetivas e desafios inovadores sobre o período em que existiram. Sem o seu conhecimento, o conhecimento do contexto em que existiram não pode ser senão incompleto ou mesmo enviesado. A preservação dos registos que deixaram, e o acesso e procura por novas fontes que nos permitam enriquecer ou problematizar as fontes tradicionais, é por isso fundamental.

BIBLIOGRAFIA:

Haenfler, Ross. 2006. *Straight Edge: Hardcore Punk, Clean-Living Youth and Social Change*. New Jersey: Rutgers University Press.

Kuhn, Gabriel. 2010. *Sober Living for the Revolution: Hardcore Punk, Straight Edge and Radical Politics*. Oakland: PM Press.

Thompson, E. P. 1966. *The Making of the English Working Class*. New York: Vintage Books.

FANZINES E BOLETINS:

Boletim *S.E.L.F.* N.º1 (Dezembro de 1996)

Boletim *S.E.L.F.* N.º2 (Abril de 1997)

Boletim *S.E.L.F.* N.º3 (Julho de 1998)

Boletim “*Just Go – The Time-X Newsletter*” (S/D)

Fanzine *Bodhisattva* N.º1 (S/D)

Fanzine *Bodhisattva* N.º2 (S/D)

Fanzine *Força Suprema* N.º 1 (Outono de 1997)

Fanzine *HRIH* N.º0 (Verão de 1997)

Fanzine *HRIH* N.º1 (Primavera de 1998)

Fanzine *Out of Step*, N.º1 (Outubro de 1995)

Fanzine *Out of Step*, N.º2 (Setembro de 1996)

Fanzine *Out of Step*, N.º3 (Fevereiro de 1997)

Fanzine *Out of Step*, N.º5 (Maio de 1997)

Fanzine *Out of Step*, N.º6 (Maio de 1998)

BANDA SONORA:

Bandas portuguesas: *New Winds*, “All Things Are Possible For Those Who Believe” (1998); *Time-X*, “Love It or Leave It” EP; *X-Acto*, “Harmony as One” (1995) (Bandas portuguesas)

Bandas estrangeiras: Earth Crisis, “The Oath That Keeps me Free” (EUA, 1998); Minor Threat “Minor Threat” EP (EUA, 1981) e “In My Eyes” EP (EUA, 1981); Nations on Fire, “Death of the Pro-Lifer” (Bélgica, 1995); Point of No Return, “Liberdade Imposta, Liberdade Conquistada” (Brasil, 2002); Youth of Today, “Break Down the Walls” (EUA, 1987)